

Jenny  
COLGAN

A  
pequena ilha  
da Escócia



“Irresistível.”  
JILL MANSELL



*A*  
pequena ilha  
da Escócia

Título original: *The Summer Seaside Kitchen*

Copyright © 2017 por Jenny Colgan  
Trecho de *Spandex and the City* por Jenny T. Colgan | Copyright © 2017  
por Jenny Colgan  
Copyright da tradução © 2022 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro  
pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes  
sem autorização por escrito dos editores.

*tradução:* Dandara Morena  
*preparo de originais:* Camila Fernandes  
*revisão:* Carolina Rodrigues e Mariana Bard  
*diagramação e adaptação de capa:* Natali Nabekura  
*ilustração do mapa:* Viv Mullett @ The Flying Fish Studios  
*capa e lettering:* Hannah Wood – LBBG  
*ilustração de capa:* Kate Forrester  
*impressão e acabamento:* Associação Religiosa Imprensa da Fé

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

C659p

Colgan, Jenny

A pequena ilha da Escócia / Jenny Colgan ; tradução Dandara  
Morena. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2022.  
336 p. ; 23 cm.

Tradução de: The summer seaside kitchen  
ISBN 978-65-5565-280-2

I. Ficção inglesa. I. Morena, Dandara. II. Título.

22-75955

CDD: 823

CDU: 82-3(410.1)

---

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Editora Arqueiro Ltda.  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br  
www.editoraarqueiro.com.br

*Para os enfermeiros. Porque vocês são incríveis.*



## Um recado da Jenny

Olá! Se este é o primeiro livro escrito por mim que você lê: oii, bem-vindo! Espero mesmo que goste. E se você já leu algum livro meu: um grande e carinhoso obrigada. É muito bom rever você e, uau, você está bem bonito, mudou o cabelo? Combinou muito com você!

Bem-vindo ao meu livro *A pequena ilha da Escócia*! É bem estranho o fato de alguém viajar com frequência nas férias para muitos lugares diferentes e não passar algum tempo conhecendo o próprio país (sei que, enquanto digito isso, meu grande amigo Wesley está resmungando e revirando os olhos, pois somos amigos há mais de vinte anos e nunca o visitei em Belfast). Enfim, continuando: quando me mudei de volta para a Escócia depois de décadas morando fora, decidi corrigir isso.

Por ser uma *lallander* (ou seja, por ter nascido no sul do país), eu nunca tinha ido às Terras Altas nem às Ilhas. Então, aproveitei essa oportunidade para visitar e explorar esses lugares, e confesso que de cara já me apaixonei pelas Ilhas.

As praias vastas, os estranhos monumentos antigos, as extensas planícies e sem árvores (elas geralmente não conseguem crescer com os ventos fortes) e as infinitas noites de verão em que o céu nunca escurece. Lewis, Harris, Bute, as Órcades e, sobretudo, Shetland – um dos lugares mais estranhos e adoráveis do Reino Unido, na minha opinião –, todos são encantadores em sua singularidade.

Eu quis escrever um livro que se passasse bem ao norte, mas inventei uma ilha que é uma espécie de amálgama, porque não tem nada pior do que escrever algo errado sobre um lugar real e deixar todo mundo irritado com você. Confie em mim, aprendi essa lição de um jeito bem amargo. 😊

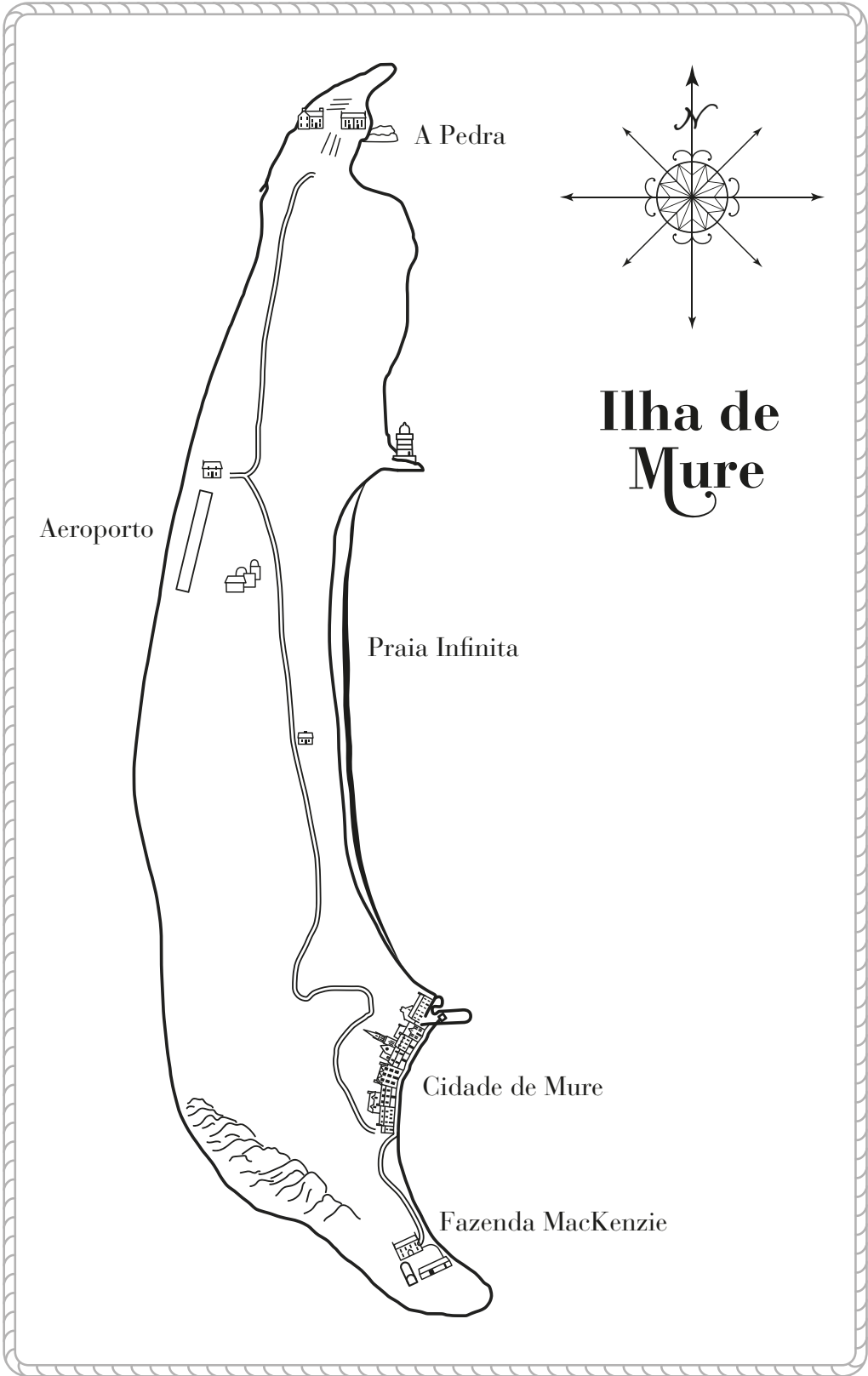
Então, Mure é um lugar fictício, mas espero que transmita a essência e a atmosfera daquelas ilhas incríveis bem ao norte, que são tão estranhas, lindas e maravilhosas para mim – embora, claro, para as pessoas de pronúncia musical que moram lá sejam apenas “lar”.

Aqui você também vai encontrar as receitas tradicionais de tortas e pão que adorei fazer e torço para que goste de tentar recriá-las. Pode me contar como se saiu no meu perfil no Twitter, @jennycolgan, ou vá me procurar no Facebook! (Em tese, também estou no Instagram, mas não consigo usar muito.)

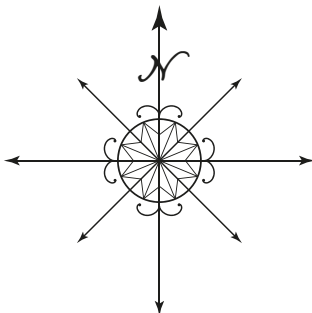
Espero muito que goste de *A pequena ilha da Escócia*. É um livro muito pessoal para mim, pois, depois de muito tempo fora, enfim voltei para casa, para a terra onde nasci, assim como Flora faz – e descobri que ela estava esperando por mim esse tempo todo.

Com amor,  
Beijos,

*Jenny*



A Pedra



# Ilha de Mure

Aeroporto



Praia Infinita



Cidade de Mure



Fazenda MacKenzie



Hiraeth (subst.): *saudade de um lar para o qual não se pode voltar, um lar que talvez nunca tenha existido; a nostalgia, o anseio; o luto por lugares perdidos no passado.*





## *Capítulo um*

Se você já tiver viajado de avião para Londres... Na verdade, no início, digitei: “Sabe quando você viaja de avião para Londres?”, mas aí pensei que, bem, isso poderia parecer meio arrogante, tipo, ei, aqui estou eu voando de avião o tempo todo quando a realidade é que sempre comprei o voo mais barato e com desconto, o que significa ter que acordar às 4h30 da manhã, não dormir à noite com medo de não ouvir o despertador e acabar gastando mais para chegar ao aeroporto de madrugada e tomar um café caríssimo do que se eu só tivesse comprado um voo em horário decente logo de cara... Mas enfim.

Então.

Se já tiver viajado de avião para Londres, sabe que os pilotos, com frequência, fazem você ficar sobrevoando a área, esperando por um lugar de aterrissagem. E geralmente não me importo com isso. Gosto de ver a vastidão da enorme cidade abaixo de mim, o número incomensurável de pessoas andando para lá e para cá ocupadas, a ideia de que cada uma delas está cheia de esperanças, sonhos e frustrações, rua após rua após rua, milhões e milhões de almas e sonhos. Sempre achei isso alucinante.

E, se você estivesse sobrevoando Londres nesse dia em particular, no início da primavera, veria lá embaixo um espaço gigantesco, infinito. Uma quantidade surpreendente de áreas verdes agrupadas no oeste, dando a impressão de que seria perfeitamente possível atravessar a cidade por esses parques até o leste aglomerado e enfumaçado, onde as ruas e os espaços estão cada vez mais congestionados. A roda-gigante ao longo do rio brilhando ao sol matinal. Os navios se movendo de um lado para outro na água ora

suja, ora reluzente. As grandes torres de vidro que parecem ter brotado enquanto Londres se transforma diante dos seus olhos. Passando pelo Domo do Milênio, agora descendo, lá está a ponta brilhante do Canary Wharf, que já foi o maior prédio do país, com sua estação de trem que para no centro do arranha-céu, algo que deve ter sido bem impressionante em 1988.

Mas vamos imaginar que você consiga ir além, que possa dar um zoom, como num mapa de satélite ao vivo do Google, em que talvez você entre e dê uma olhada na sua casa (ou quem sabe só eu faça isso).

Se fosse além, o lugar logo deixaria de parecer tão sereno, como se visto por uma divindade no céu, e você começaria a perceber como tudo é lotado e parece encardido, o tanto de pessoas que passam umas pelas outras, mesmo agora, quando mal deu sete da manhã. Faxineiros de aparência esgotada, recém-saídos dos turnos da noite, se arrastando para casa na direção oposta à de homens e mulheres ansiosos e bem-vestidos. Profissionais de escritório, funcionários do varejo, técnicos de celular, motoristas de Uber, limpadores de janelas, vendedores de revistas e os vários, vários homens de colete que fazem coisas misteriosas com os cones de trânsito. E agora estamos perto do chão, dobrando as esquinas, seguindo o caminho da linha de metrô da Docklands Light Railway, com os passageiros tentando resistir ao esmagamento da manhã, porque não há como desviar dele, é preciso abrir caminho com os cotovelos para conseguir entrar e se encaixar entre as pessoas (a mera possibilidade de conseguir um lugar sentado acaba bem antes, na estação Gallions Reach, mas, quem sabe, talvez você consiga um canto para ficar que não seja imprensado contra a axila de alguém, no vagão que cheira a café, ressaca e mau hálito e passa a sensação de que todo mundo foi de algum modo arrancado da cama tão cedo que nem mesmo a pálida luz do sol se movendo no horizonte nesse início de primavera consegue convencer as pessoas de que realmente amanheceu). Mas é complicado, pois a grande máquina de Londres está toda pronta e à espera, ávida, sempre ávida, por engolir você, sugar tudo que conseguir e enviá-lo de volta para refazer tudo às avessas.

E lá está Flora MacKenzie, com os cotovelos em riste, esperando para entrar no trenzinho sem motorista que a levará para o caos da estação Bank. Dá para vê-la: ela acabou de entrar. O cabelo dela está com uma cor estranha, muito, muito pálida. Não está louro nem exatamente ruivo,

talvez um loiro-avermelhado, porém desbotado. Está quase sem cor nenhuma. E ela é um pouquinho alta demais, a pele é branquíssima, os olhos têm uma coloração aguada e, às vezes, é difícil dizer de que cor eles são. E ali está ela, com a bolsa e a maleta impressadas ao lado, usando uma capa impermeável que ela não sabe se é leve ou pesada demais para o dia.

Nesse momento, ainda bem no início da manhã, Flora MacKenzie não está pensando se está feliz ou triste, embora isso logo vá se tornar muito, muito importante.

Se você pudesse parar e perguntar como ela se sente nesse momento, é provável que a resposta fosse: “Cansada”, pois é assim que as pessoas se sentem em Londres. Elas estão cansadas ou exaustas ou completamente frenéticas o tempo todo, porque... Bem, ninguém sabe por quê. Isso parece ser a regra, junto com andar rápido, fazer filas do lado de fora de restaurantes e nunca, nunca ir ao Madame Tussauds.

Flora está ponderando se vai conseguir uma posição na qual possa ler seu livro, se o elástico da saia está mais apertado – enquanto ao mesmo tempo lhe ocorre, com pesar, que, se esse pensamento surgiu, a resposta provavelmente é sim –, se o clima vai esquentar e, caso vá, se ela deve deixar as pernas de fora (isso é problemático por vários motivos, sobretudo porque sua pele é muito branca e resiste a qualquer tentativa que ela faça de mudar isso. Flora já tentou bronzeamento artificial, porém ficou parecendo que tinha entrado em uma piscina cheia de molho de carne. E, assim que ela começou a andar, a parte de trás das pernas ficou suada – ela nem sabia que era *possível* que a parte de trás das pernas suasse – e longas linhas brancas começaram a escorrer pelo bronzeado, como Kai, seu colega de escritório, fez a gentileza de avisar. Kai tinha uma pele preta e sedosa, e Flora o invejava muito. Ela também preferia o outono londrino em geral).

Flora está pensando no encontro do Tinder que teve na outra noite, no qual o cara, que tinha parecido tão legal on-line, logo começou a zoar o sotaque dela, como todo mundo, em todo lugar, toda hora. E então, quando percebeu que não estava agradando, ele sugeriu que pulassem o jantar e fossem de uma vez para a casa dele, e essa lembrança a fez suspirar.

Flora tem 26 anos e teve uma ótima festa para comprovar isso. Todo mundo ficou bêbado e disse que ela arranjará um namorado um dia, ou,

ao contrário, que era impossível encontrar alguém legal em Londres. Não havia tantos homens na cidade, e os que havia eram gays, casados ou não prestavam. Na verdade, nem todo mundo ficou bêbado, pois uma de suas amigas estava grávida do primeiro filho e se manteve superalerta com isso enquanto fingia que não, secretamente encantada. Flora ficou feliz por ela, claro que ficou. Ela não quer engravidar. Mas mesmo assim.

Flora está espremida contra um homem de terno elegante. Ela olha para cima, bem rápido, só por precaução, o que é ridículo: ela *nunca* o viu pegar essa linha de metrô, *ele* sempre chega com a aparência completamente impecável e alinhada, e ela sabe que ele mora em algum lugar mais próximo do centro da cidade.

Como sempre, na sua festa de aniversário, os amigos de Flora sabiam que não deveriam perguntar sobre seu chefe depois de ela ter tomado algumas taças de prosecco. O chefe pelo qual ela é ridiculamente caidinha.

Se você já sentiu a angústia de ficar caidinho por alguém, então sabe como é. Kai sabe muito bem como esse sentimento é absurdo, porque trabalha para o sujeito também e consegue ver o chefe deles exatamente como ele é, ou seja, um canalha terrível. Mas, claro, não adianta dizer isso a Flora.

Enfim, o homem no trem não é ele. Flora se sente boba por olhar. Só de pensar nele, ela se sente como se tivesse 14 anos, e suas bochechas brancas não escondem nem um pouco o rubor. Ela sabe que é ridículo, estúpido e inútil. Mas não consegue evitar.

Flora meio que começa a ler o livro no Kindle, amontoada no vagão pequeno, tentando não esbarrar em ninguém; às vezes olha pela janela, sonhadora. Outras coisas vão surgindo em sua mente:

- a) Ela vai arranjar outra pessoa para dividir o apartamento. As pessoas entram e saem de lá com tanta frequência que ela quase nunca consegue conhecê-las. As correspondências velhas se empilham no corredor entre esqueletos de bicicletas antigas, e ela acha que alguém deveria tomar uma atitude em relação a isso, mas ela mesma não faz nada.
- b) Será que deveria se mudar de novo?
- c) Namorado. Aff.
- d) Hora de fazer um lanchinho?
- e) Será que deveria mudar a cor do cabelo? Com uma tinta que desse para

tirar? Aquele cinza brilhante ficaria bem nela? Ou ia parecer que ela estava grisalha?

- f) A vida, o futuro, tudo.
- g) Será que deveria pintar o quarto com a mesma nova cor do cabelo? Ou isso significava que ela precisava se mudar também?
- h) Felicidade e tal.
- i) Cutículas.
- j) Talvez não prateado, quem sabe azul? Meio azul, talvez? Não teria problema no escritório? Ela poderia comprar uma tinta azul, pintar e depois tirar?
- k) Um gato?

E Flora está a caminho do trabalho, como assistente jurídica, no centro de Londres, e não está exatamente feliz, porém acha que não está triste, pois todo mundo é assim, não é? As pessoas pegam transporte público. Comem muito bolo quando é aniversário de alguém no escritório. Prometem ir à academia na hora do almoço, mas não vão. Encaram uma tela por tanto tempo que ficam com dor de cabeça. Compram muitas coisas on-line e se esquecem de devolver.

Às vezes, ela vai do metrô para casa e para o escritório sem nem reparar no clima. É só um dia normal e tedioso.

Embora, em duas horas e quarenta e cinco minutos, não vá ser mais.



## Capítulo dois

Enquanto isso, quilômetros a oeste, uma mulher loura gritava, e muito.

Ela era linda. Mesmo irritada e esbravejando depois de uma noite excepcionalmente animada em que não dormira, com o cabelo bagunçado caindo pelos ombros, ela ainda exibia as pernas longas, a pele limpa e a beleza estonteante.

Do lado de fora, o zumbido baixo do tráfego era quase indistinguível por causa do vidro triplo da cobertura. As nuvens do início da manhã estavam baixas, pairando nas torres salientes do horizonte da cidade e no rio Tâmsa – era uma vista incrível –, porém a previsão do tempo tinha anunciado um dia úmido e abafado, quente e desconfortável. A loura gritava, mas Joel só observava a janela, o que não ajudava muito. No começo, ela estava calma, sugerindo jantar naquela noite, mas, assim que Joel deixou claro que não estava muito interessado em jantar naquela noite e que era provável que três encontros já tivessem bastado para toda a vida, ela se tornara desagradável bem rápido. E agora gritava porque não estava acostumada a ser tratada assim pelas pessoas.

– Quer saber qual é o seu problema?

Joel não queria.

– Você se acha muito bom *naquilo* e pensa que isso é desculpa para se comportar como um perfeito canalha o tempo todo. Acha que tem um lado sensível aí dentro que você pode ligar e desligar quando quiser. Mas vou te contar: você não tem.

Joel se perguntou quanto tempo isso ia durar. Ele tinha um psiquiatra que geralmente não era tão direto assim. Queria uma xícara de café. Não,

queria que ela fosse embora e, depois, queria uma xícara de café. Ponderou se olhar para o celular poderia acelerar as coisas. Deu certo.

– Se enxerga! Seu comportamento diz tudo sobre você. É isso mesmo. Ninguém liga para o que está acontecendo aí dentro nem pelo que você passou. O que importa são as suas ações. E suas ações são o fim da picada.

– Acabou? – Joel se viu dizendo.

A loura parecia prestes a atirar um sapato nele. Então, ela parou e começou a se vestir num silêncio ofendido. Joel achou que não deveria olhar, mas tinha esquecido como ela era linda. Ele piscou.

– Vai à merda! – gritou ela.

Sua saia era muito curta. Era evidente que todos ficariam olhando se ela voltasse para casa de metrô.

– Quer que eu chame um Uber para você? – perguntou ele.

– Não, obrigada – respondeu ela, ríspida. Mas depois mudou de ideia. – Quero. Chama um, agora!

Ele pegou o celular de novo.

– Onde você mora?

– Não lembra? Você já foi lá!

Joel piscou. Ele não conhecia Londres muito bem.

– Lembro, claro...

Ela suspirou.

– Shepherd's Bush.

– Claro.

Houve uma pausa.

– Tudo nessa vida tem volta, Joel. Você vai pagar por isso.

Mas ele já estava de pé, a caminho da cafeteira, verificando os e-mails, preparando-se para o dia. Algo em um caso o incomodava, só não conseguia se lembrar bem o quê. Algo bom. O que era?



Mais de mil quilômetros ao norte, os homens saíam dos campos, alongavam os músculos, com os cachorros correndo em volta deles e os coelhos disparando à frente dos cachorros. O vento soprava na água fresca como sorvete de limão sob o branco brilhante do céu. Com a primeira tarefa do

dia terminada, estavam em busca do café da manhã, enquanto, abaixo deles, nas pedras do porto, os pescadores transportavam os peixes e cantavam à luz límpida da manhã, as vozes subindo pelas encostas das montanhas até o céu aberto:

E o que vocês acham que fizeram com seus olhos?

Cante nas montanhas, cante nas pontes

O arenque mais elegante usado por nós

Cante nas montanhas, cante nas pontes

Cante, arenque, cantem, olhos, cante, peixe, bem feroz

Cante nas montanhas, cante nas pontes

E tenho mesmo mais do arenque cantante

Cante nas montanhas, cante nas pontes



## CONHEÇA OS LIVROS DE JENNY COLGAN

A pequena livraria dos sonhos

A padaria dos finais felizes

A adorável loja de chocolates de Paris

Um novo capítulo para o amor

A pequena ilha da Escócia

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,  
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

